

FRANZOLIN, Caio (Caio Sérgio de Castro A. F. Franzolin). **Teatro de Grupo em tempos de sufoco: respirar a esperança, a cidade e atuar nas frestas por um horizonte ampliado**. São Paulo: Unesp. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias (CNPq); Mestrando em Artes pelo Pós-Graduação em Artes – IA – UNESP; Orientadora da pesquisa Carminda Mendes André; Integrante do núcleo artístico A Próxima Companhia, da Cooperativa Paulista de Teatro, ator, arte-educador.

RESUMO

Nesta reflexão a proposta é voltarmos os olhares para o quadro atual, as impossibilidades que cercam o modo de existência do teatro de grupo na cidade de São Paulo. Porém, sobretudo, o exercício está nas ações possíveis que estão sendo realizadas. Um olhar ampliado para a capacidade de mobilização, articulação em que a ação teatral apresenta outras camadas, dialogando com traços já presentes na atuação dos grupos que mantem suas sedes nos territórios, construindo coletivamente relações no cotidiano local. De fato, em uma leitura geral nos parece que esperar passar, para depois ver o que nos resta, pode ser uma saída mais fácil frente a pandemia e o contexto político. Porém, muitos grupos de teatro estão se mobilizando nestes tempos, se reinventando não apenas na cena, mas também em sua atuação justamente nos territórios onde estão inseridos. A extrapolação da cena vem com a consistência das atividades artístico-pedagógicas destes grupos, em sua função que ultrapassa a criação e difusão teatral, que encontra a ação cultural e agora flerta conscientemente com a ação social.

Palavras-chave: Teatro de Grupo. Território. Ação Cultural.

ABSTRACT

In this reflection, the proposal is to turn our eyes to the current situation, the impossibilities that surround the way of existence of group theater in the city of São Paulo. However, above all, the exercise is in the possible actions that are being carried out. An expanded look at the capacity for mobilization, articulation in which the theatrical action presents other layers, dialoguing with traits already present in the performance of the groups that maintain their headquarters in the territories, collectively building relationships in the local daily life. In fact, in a general reading it seems to us that waiting to pass, and then see what we have left, can be an easier way out in the face of the pandemic and the political context. However, many theater groups are mobilizing in these times, reinventing themselves not only in the scene, but also in their performance precisely in the territories where they are inserted. The extrapolation of the scene comes with the consistency of the artistic-pedagogical activities of these groups, in their function that goes beyond the creation and theatrical diffusion, that finds cultural action and now consciously flirts with social action.

Keywords: Group Theater. Territory. Cultural Action.

O convite neste texto será para um olhar de esperança, algo que talvez seja tão distante, impossível e pouco provável para muitos e muitas que iniciam essa leitura neste momento. A esperança está relacionada à nossa capacidade de imaginar. Se não conseguirmos imaginar múltiplas

possibilidades, se apenas nos atemos a uma única opção, então nossa potência artística de criação provavelmente esteja se atrofiando com o passar do tempo, neste contido cenário de absurdidades, desumanidade e por assim dizer, desesperança.

De início partimos do panorama atual que aponta para a contramão do horizonte ideal. Peço licença para nos depararmos com a realidade que bate nossa porta, neste Brasil de 2021, onde temos um cenário de profundas incertezas, do aumento da desigualdade e uma sensação de que estamos vivendo um período de guerra, com centenas de milhares de brasileiros e brasileiras não respirando mais este mesmo ar que nós. Porém, te convido para fazer uma respiração mais profunda, oxigenar nosso corpo e renovar o ar, isso pode nos ajudar a liberar nossos pensamentos e dispersar um pouco do nevoeiro sombrio que nos envolve.

Nós, o povo, tentamos sobreviver, esta tentativa parece que é uma tônica constante na história do nosso país: o sufoco, mas estamos presenciando um sufoco diferente. São diversos fatores que assolaram e continuam incidindo socialmente no contexto da pandemia de COVID-19, seus reflexos continuarão presentes por um longo tempo e nossas perdas continuarão sendo lembradas. Aproveitando também o exercício do registro deste tempo, cabe dizer que grande parte das dificuldades são operadas pelas diversas esferas do poder público que parecem se isentar de suas responsabilidades frente a vida da população.

Mas é preciso também encontrar as fissuras, as brechas por onde as flores nascem e a natureza resiste. Olhando com cuidado, sempre podemos encontrar algo que seja uma mínima possibilidade de criação. Deste amplo contexto, vou me direcionar para os coletivos de teatro, possivelmente localize melhor meu pensamento em meio aos grupos de teatro da cidade de São Paulo, por uma questão do meu lugar de ação e criação como integrante dos movimentos e do núcleo artístico A Próxima Companhia. Neste sentido, observei em março de 2020 as portas dos espaços culturais se fecharem rapidamente na cidade, cada coletivo tentando se preservar e cuidar da sua existência na menor grandeza, como diria Bertold Brecht. A ação de se fechar as portas, pode ser como uma momentânea espera que já dura mais de um ano, mas também pode significar um não mais abrir, no sentido da própria atividade encerrada daquele espaço sem ter como manter suas contas em dia. A citação à Brecht surgiu em conversa com Celso Frateschi¹, a partir dos tempos em que estamos vivendo e aqui tomo como exemplo para relacionar a atitude de reduzir-se à menor grandeza justamente como a tática de sobrevivência.

Quando o pensador se viu diante de uma grande tempestade

¹ Em reunião do MOTIN – Movimento dos Teatros Independentes em Agosto de 2020 para o autor.

Estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço
A primeira coisa que fez foi sair do veículo
A segunda foi tirar seu casacão
A terceira foi deitar-se no chão
Assim o pensador venceu a tempestade
Reduzido à sua menor grandeza
Reduzido à sua menor grandeza
O Pensador venceu a tempestade
(BRECHT, Beltold. 2016, p.41)

O teatro de grupo, os coletivos, poderão sobreviver à passagem desta tempestade? Talvez a resposta mais simples e efetiva seja um “sim”, mas o problema aqui é saber o “como?”. Ainda que o campo de estudo deste texto não seja o da história do teatro, é possível observarmos historicamente a continuidade das múltiplas manifestações teatrais ao longo da história da humanidade permanecendo viva, se modificando, se reinventando, com momentos mais pulsantes e outros justamente mais reduzidos. O teatro como rito, como forma de expressão humana data de milênios e com isso podemos entender que tenha passado por inúmeras dificuldades, mas se mantém. A aposta em sua continuidade parece bem plausível, mas não resolvemos ainda o “como” que isso poderá se dar.

O Teatro de Grupo tem por característica sua organização autônoma, sua tentativa incessante de buscar caminhos coletivamente e de forma horizontal, desta ideia germinam as mais variadas possibilidades de organização, de criação do trabalho artístico. São arranjos coletivos que caminham pelos processos colaborativos, pelas criações coletivas, por núcleos fixos e parcerias que orbitam ao seu redor, com duplas e trios ou mesmo dezenas de integrantes. São inúmeras formas de se organizar enquanto estrutura, ou temporalmente, sem falar nas sedes dos grupos, nos próprios espaços físicos e sua adaptabilidade para o trabalho teatral. As pesquisas também se relacionam com técnicas de atuação mais definidas e verticalizadas buscando aprofundamentos constantes, podem ir no caminho de um público etário específico, podem partir de uma temática recorrente nos processos, de uma diversidade de possibilidades. Ainda assim podemos dizer que não configuram uma escolha única. Um grupo de teatro é o corpo vivo e coletivo que se faz na caminhada e pela soma, na unidade com pluralidade se equilibrando no consenso e no dissenso cotidianamente. Um grupo se faz de seus acordos e de sua prática continuada.

A criação artística dos coletivos são exercícios de tradução simbólica e metafórica do mundo em que vivemos. Camadas de tempo se cruzam e se sobrepõe nos processos entre passado, presente, futuro. Os espetáculos e as diversas ações lançam olhares para o futuro. Cada vez mais temos consciência que a disputa está no imaginário, na potência da esperança e da ação concreta

e simbólica, das pesquisas e criações despertarem sensações e reflexões com quem se depara com estas produções.

O terreno é árido, as perspectivas não são confortáveis, a precarização se intensifica em meio ao medo do amanhã e na latência dos corpos distanciados parece que não há possibilidade de movimento frente a pandemia. De fato, em uma leitura geral nos parece que esperar passar, para depois ver o que nos resta, possa ser uma saída mais fácil. Porém, muitos grupos de teatro estão se mobilizando nestes tempos, se reinventando não apenas na cena – agora virtual, mas também em sua atuação nos territórios onde estão inseridos.

Foi a partir de um encontro recente no grupo de pesquisa Performatividades e Pedagogias (CNPq) que conversamos sobre a possível transformação da arte da presença na explosão do espaço para o campo da virtualidade, que ainda tenta manter uma relação temporal síncrona. No exercício constante do expectador em desvendar a imagem plana, bidimensional, em uma visão com volumes e perspectivas. Esse trabalho mental exige imaginação, exige uma certa abstração para “fugirmos da tela” e “entrarmos na tela” para, assim, adentrarmos o espaço de atuação, do corpo de quem atua em movimento para o dispositivo tecnológico que se caracteriza como meio de fazer chegar em alguém. Este que observa ação, o público, agora será um tele/espectador?

Esta relação das experiências de grupos de teatro em meios virtuais atualmente traz consigo uma das brechas de esperança que imagino. As conversas que tenho tido com fazedores e pesquisadores oferecem estas pistas como uma possível reflexão. Sendo estes exercícios de sentir viva e presente - a partir do que é possível de se fazer - a chama do teatro acesa. Ainda que reduzida, uma chama acesa guarda em si a potência de vir a ser novamente um fogo intenso.

O sujeito histórico teatro de grupo, este do qual sou parte e que me refiro neste texto e em minha pesquisa, se espalha pelo tecido urbano, se instala nas diversas paisagens da cidade, nos diferentes territórios e cria espaços físicos que ultrapassam a materialidade concreta das cidades, do sistema dos objetos e se ligam com intencionalidade ao sistema de ações de Milton Santos. Os grupos em sua atuação nos territórios assimilam, fazem parte e também criam justamente a identidade daquele lugar, da comunidade. Extrapolam a cena e se valem de sua organização coletivizada e partilhada para ativar experiências do comum urbano. Não apenas a partir dos bens e recursos característicos do espaço da cidade, mas envolvendo sobretudo a dimensão mais ampla da vida urbana, coletividade, comunidade que tem sua potência adormecida na cidade atual. A intencionalidade é o provocar encontros e entrelaçar relações

das mais variadas formas, inclusive para além da cena. Aqui se apresenta a potência das atividades artístico-pedagógicas destes grupos, em sua função que ultrapassa a criação e difusão teatral, que encontra a ação cultural e agora flerta conscientemente com a ação social.

Das experiências de formação teatral que pude fazer parte, em diversos grupos ao longo do meu processo de constituição como fazedor de teatro, percebo esta linha de ação que tem por nutriente os processos, práticas e valores dos grupos de teatro, nos moldes coletivizados que já apresentei acima e têm como fruto alimentar novas gerações para uma vida que se localiza na constante busca por um olhar crítico e atuante na sociedade. Desta forma, se opondo aos paradigmas do mercado e do individualismo exacerbado. Me colocando também como um sujeito do teatro de grupo, hoje experimentando mediar processos de formação, o que me leva a tornar mais consciente e fazer coro ao fortalecimento das formas de se relacionar eticamente com a sociedade nos sujeitos que buscam adentrar nas práticas artísticas e culturais.

Pelas experiências, relatos e os próprios registros das suas ações, os coletivos que praticam as bases do teatro de grupo instituem em suas atividades espaços de ação cultural em uma perspectiva que possui como característica a articulação da intencionalidade artística com a pedagógica para contribuir na visão crítica de mundo das pessoas que têm contato com suas atividades. Neste sentido, não apenas entendendo oficinas, cursos e atividades de caráter diretamente educativo como sendo ações exclusivas, mas toda a gama de programações relacionadas e mesmo as práticas cotidianas que por base partem deste pensamento artístico-pedagógico em uma visão não-formal e indireta de educação como constituintes deste modo de ação e existência.

Neste momento a sobrevivência se mostra frente aos grupos, não apenas aquela de seus integrantes, mas também das comunidades dos territórios onde as suas sedes estão inseridas. Existe uma postura ética, um envolvimento humano, em se buscar saídas para as questões latentes que se apresentam no entorno das sedes dos coletivos. Se houve a configuração deste espaço comum de troca e criação, que se estabelece para além do campo privado da materialidade do espaço físico, então não há possibilidade de não se enxergar as necessidades humanas. Como podemos pensar no alimento estético, se não temos sustento físico e apoio disponibilizado para todos e todas igualmente?

Este olhar ampliado para os lugares aonde os grupos agem demonstra seu despertar para um senso ampliado de comunidade a partir da relação com as dinâmicas do cotidiano de seu entorno, ainda que este esteja sob outras configurações que dizem respeito ao trabalho, à saúde, à habitação,

entre outras. Mas sobreviver deve ser um ato coletivo, reforço aqui a perspectiva contrária ao indivíduo como nos faz crer o neoliberalismo.

As redes estão sendo mantidas, fortalecidas e formadas, seja no campo do teatro, mas com o teatro também. Articulações com outros agentes, instituições, coletivos, áreas e pessoas que buscam fissurar os limites e fronteiras das especialidades para uma visão transversal e colaborativa. São grupos como Estopô Balaio, no Jardim Romano (Zona Leste), Cia. Mungunzá e Pessoal do Faroeste, na Luz (Centro), ou Teatro do Incêndio, no Bixiga, CTI – Companhia Teatro da Investigação, na Vila Ré, A Próxima Companhia, nos Campos Elíseos, Grupo Pandora de Teatro, em Perus (Região Noroeste), Galpão do Folias, na Santa Cecília, Pombas Urbanas, na Cidade Tiradentes (Zona Leste) e tantos e tantas outras, que mesmo em sua menor grandeza tentam olhar ao seu redor e potencializar suas ações humanas territorializadas em parceria com diversos agentes.

Para simbolizar e trazer certa concretude ao pensamento, vou narrar um dos episódios pessoais e que redimensionaram minha existência neste momento pandêmico. Em maio de 2020, nos primeiros meses que a crise estava instaurada na cidade, soube que muitas pessoas da Favela do Moinho, na região central, estavam desassistidas. O Moinho foi um dos territórios do entorno da nossa sede que havíamos feito um mergulho criativo, de troca e relação, no ano anterior em nosso projeto Tebas – A Cidade em Disputa, contemplado pela 32ª Edição da Lei de Fomento ao teatro para a Cidade de São Paulo. Em contato com um grupo de mobilização local chamado Santa Cecília Sem Medo, relacionada a Frente Povo Sem Medo, lançamos mensagens solicitando ajuda. Iniciamos uma rede que teve como primeira ação servir como ponte entre confecções de roupa do Bom Retiro, que agora estavam costurando máscaras para doação e as pessoas do Moinho que não tinham as máscaras. Quase simultaneamente já apareceram pequenas doações de alimentos, roupas, brinquedos. Este coletivo emergencial composto por integrantes d'A Próxima Companhia, com o Santa Cecília Sem Medo também estava com mais parceiros do território, como o Galpão do Folias.

Em contato com a Cooperativa Paulista de Teatro, conseguimos doações de cestas básicas que movimentos organizados de moradia do centro da cidade haviam conseguido e estavam oferecendo para outras comunidades. Fomos atrás da prefeitura por sabermos de alimentos e kits de higiene que estavam sendo distribuídos por um programa público e depois de meses conseguimos a primeira doação deste programa que entregou 500 cestas e depois mais 500, além das mais de 700 máscaras que conseguimos e outras doações menores foram acontecendo. Por meio do diálogo de integrantes do Galpão do Folias com a Quilombaque, em Perus na região noroeste, conseguimos da UNEAFRO uma doação e montamos e distribuímos mil kits de

higiene. Mas só isso não era e nunca será suficiente, temos consciência e tentamos continuar nestas tentativas de encontrar possibilidade de ajuda mútua, de criar espaços comuns de cooperação.

Mas o que quero relatar é uma passagem específica quando em uma das caminhadas na comunidade, um parceiro, morador de lá e que é ligado à cultura e à mobilização dos moradores trouxe um caso. Dona Tereza, senhora que quando recebeu as máscaras, fez um pedido. Ela precisava de um banheiro. Mas como grupos de teatro, mais parceiros do território poderiam conseguir um banheiro? Nem alimentos estávamos conseguindo suficientemente. E com o desafio insistindo em nossos pensamentos, fomos tentando encontrar outras pessoas e movimentos, chegamos na articulação com docentes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, que também se localiza na região e onde havia um outro professor que estava com um projeto de doação de banheiros em contêineres adaptados e que topou nos ajudar. Bem, a surpresa imensa foi a de que o Moinho iria receber um módulo totalmente instalado, com vasos, pias e até chuveiro! Dona Tereza e muitas pessoas do Moinho teriam ao menos acesso a um banheiro que ficaria para a comunidade, incluindo nisso a ligação regular de esgoto e fornecimento de água pela companhia de saneamento.

O momento é difícil, mas experiências de coletivos teatrais podem apontar caminhos para mudanças de paradigmas do modo de produção. Sem os coletivos do teatro de grupo se darem conta, muitas vezes também estão reproduzindo as dinâmicas desiguais da sociedade. A reprodução destes modelos parte da indissociável vida atrelada ao mercado, pensando que ações de qualquer natureza são influenciadas por este sistema capitalista. Não há, no momento, forma de se separar qualquer ação realizada do sistema em questão, uma vez que a ação está em relação com a sociedade e a mesma se operacionaliza pelo capital.

Mas voltando algumas casas e avançando, temos nas experiências de transversalidade, de articulação em rede, das mobilizações cidadãs e das potências expandidas - criadas pela urgência da sobrevivência nos territórios – iniciativas que podem ser fortalecidas e terem continuidade na reconfiguração dos procedimentos e processos alternativos de relação comunitária, diálogo ampliado e um olhar mais voltado para potências de cooperação e colaboração que não sejam mediadas pela financeirização nas relações das vidas e nas cidades.

É provável, como alternativa, o retorno para a noção de coletividade do trabalho, da divisão dos ganhos, das tarefas, da socialização de aspectos positivos e dos desafios. O teatro de grupo tem neste instante da história um momento de retornar e de avançar na perspectiva de se conter em sua menor grandeza, mas também de criar cooperações com outros coletivos teatrais. Bem

como, tantas outras iniciativas e organizações a serem articuladas consigo e que se localizam dispersas no campo progressista. Os movimentos sociais, por exemplo, que geram alimentos no campo são potências a se articular com a distribuição de comida sendo feita nos territórios com os grupos de teatro, os espaços teatrais como espaços de arrecadação, de referência quando não há equipamentos públicos acolhedores das demandas reais, ou mesmo de ajudas mútuas com os mínimos recursos que podem ser destinados, bem como a circulação das informações, mediando a conscientização dos direitos dos cidadãos e cidadãs nas comunidades. Temos um grande desafio, mas talvez possamos respirar por algumas frestas de esperança até a tempestade passar.

Referências bibliográfica

- ANDRÉ, Carminda M. *Teatro pós-dramático na escola (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro na sala de aula)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BRECHT, Bertold. *Histórias do Sr. Keuner*. São Paulo: Editora 34, 2006
- FISCHER, Stela. *Processo Colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- GARCIA, Silvana. *Territórios e paisagens: estudos sobre teatro*. São Paulo: Giostri Editora, 2017.
- HARVEY, David. *Espaços de esperança*. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2017.